

*Agatha
Christie*

O NATAL
DE POIROT

Agatha Christie

O NATAL DE POIROT

Tradução de JORGE RITTER

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Meu caro James,

Você sempre foi um dos meus leitores mais fiéis e gentis, por isso senti-me seriamente incomodada quando você me fez uma crítica.

Você reclamou de meus assassinatos, que estavam se tornando muito refinados – anêmicos, na realidade. Você ansiava por um “bom assassinato, violento, com bastante sangue”. Um que não deixasse dúvidas sobre ser um assassinato!

Então, esta é sua história especial – escrita para você. Espero que o agrade.
Com carinho de sua cunhada,

Agatha

PARTE 1

22 de dezembro

I

Stephen levantou a gola do casaco, enquanto caminhava a passos rápidos pela plataforma. Do alto vinha uma névoa densa que cobria a estação. Grandes locomotivas sibilavam soberbamente, lançando nuvens de vapor no ar frio e úmido. Tudo estava sujo e coberto de fuligem.

“Que país imundo, que cidade imunda!”, pensou Stephen, com desgosto.

O entusiasmo que sentira ao ver Londres pela primeira vez, com suas lojas, seus restaurantes, mulheres bem-vestidas e atraentes, havia desaparecido. Agora via a cidade como um cintilante diamante falso, engastado em uma joia encardida.

E se ele estivesse de volta à África do Sul agora... Stephen sentiu uma pontada de saudades. Sol, céu azul, jardins de límpidas flores azuis, sebes de magnólias, ipomeias azuis agarradas às paredes das choupanas.

E aqui, sujeira, fuligem e multidões intermináveis e incessantes movendo-se apressadas e acotovelando-se. Formigas operárias correndo diligentemente em torno de seu formigueiro.

Por um momento ele pensou: “Gostaria de não ter vindo...”.

Então Stephen se lembrou do seu propósito, e seus lábios cerraram-se em uma linha de determinação. Não, com os diabos, ele seguiria em frente! Ele havia planejado isso por anos. Sempre quisera fazer o que iria fazer. Sim, ele seguiria em frente!

Aquela relutância momentânea, aquele súbito questionamento: “Por quê? Vale a pena? Por que remexer no passado? Por que não esquecer a coisa toda?”. Tudo isso era apenas fraqueza. Ele não era um garoto para ser jogado de um lado para o outro por caprichos passageiros. Era um homem de quarenta anos, seguro, resoluto. Seguiria em frente. Faria o que tinha vindo à Inglaterra para fazer.

Stephen embarcou no trem e seguiu pelo corredor, procurando por um lugar. Ele havia dispensado um carregador e estava levando sua própria mala de couro cru. Procurou de vagão em vagão. O trem estava cheio. Faltavam apenas três dias para o Natal. Stephen Farr olhou com desagrado para os vagões lotados.

Pessoas! Incessantes, inumeráveis pessoas! E todas tão... tão... Qual era a palavra?... Tão *enfadonhas*! Tão parecidas, tão terrivelmente parecidas! “Aqueles que não tinham rostos de ovelhas, tinham rostos de coelhos”, ele pensou. Algumas conversavam e se alvorocavam. Alguns homens pesados de meia-idade grunhiam. Esses mais pareciam porcos. Mesmo as garotas, esbeltas, de rostos ovais e lábios

escarlate, eram de uma uniformidade desanimadora.

Ele pensou, com súbita nostalgia, na savana aberta, solitária e queimada pelo sol...

Ao olhar para dentro de mais um vagão, Stephen de repente perdeu o fôlego.

Aquela garota era diferente. Cabelo escuro, uma palidez leitosa e lúzida, e olhos com a profundidade e a escuridão da noite. Os olhos orgulhosos e tristes do Sul... Não era certo aquela garota sentada naquele trem entre pessoas enfadonhas e sem graça, não era certo que ela estivesse a caminho do melancólico interior da Inglaterra. Ela deveria estar em uma sacada, com uma rosa entre os lábios, um xale de renda negra enfeitando sua cabeça orgulhosa, e deveria haver poeira, calor e o cheiro de sangue no ar, o cheiro da praça de touros... Ela deveria estar em um lugar esplêndido, e não apertada no canto de um vagão da terceira classe.

Stephen era um homem observador. Ele não deixou de notar o mau estado de seu casaco e de sua saia pretas, a má qualidade das luvas de pano, os sapatos baratos e a nota dissonante de uma bolsa vermelho-fogo. Mesmo assim, esplendor era a qualidade que ele associava a ela. Ela *era* esplêndida, fina, exótica...

Que diabos estaria fazendo no país dos nevoeiros e dos dias gelados, das formigas diligentes e apressadas?

“Tenho de descobrir quem ela é e o que está fazendo aqui... Tenho de descobrir...”, ele pensou.

II

Pilar estava sentada espremida contra a janela e pensava em como era esquisito o cheiro dos ingleses... Era o que mais a impressionara até aquele momento na Inglaterra: a diferença de cheiro. Não havia alho nem poeira, e muito pouco perfume. Naquele vagão havia um cheiro frio e sufocante, o cheiro de enxofre dos trens, o cheiro de sabonete e outro cheiro muito desagradável, que ela achava que vinha da gola de pele da mulher robusta sentada ao lado. Pilar farejou com delicadeza, inalando relutante o odor de naftalina. “Que perfume estranho para se usar”, ela pensou.

Um apito soou, uma voz estentórea gritou algo, e o trem, em lentos solavancos, deixou a estação. Havia partido. Ela estava a caminho...

Seu coração bateu um pouco mais rápido. Daria tudo certo? Ela seria capaz de realizar o que pretendia? Certamente, certamente. Ela havia planejado com tanto cuidado... Estava preparada para qualquer eventualidade. Sim, ela conseguiria... ela tinha de conseguir...

A curva da boca vermelha de Pilar virou-se para cima. Tornou-se cruel de súbito, aquela boca. Cruel e gananciosa como a boca de uma criança ou de um gatinho, uma boca que sabia apenas de seus próprios desejos e que ainda não conhecia o sentimento de pena.

Ela olhou à sua volta com a curiosidade franca de uma criança. Todas aquelas pessoas, sete delas. Que engraçados eram os ingleses! Pareciam todos tão ricos, tão

prósperos, suas roupas, suas botas. Ah! Sem dúvida a Inglaterra era um país muito rico, como ela sempre ouvira falar. Mas eles não eram nem um pouco alegres, não, decididamente, não eram alegres.

Aquele homem parado no corredor era muito bonito... Pilar achou-o muito bonito. Ela gostou de seu rosto bronzeado, de seu nariz reto e de seus ombros largos. Mais rápida do que qualquer garota inglesa, Pilar percebera que o homem a admirava. Ela não havia olhado de maneira direta para ele nenhuma vez, mas sabia muito bem com que frequência e de que modo ele a estivera olhando.

Registrou os fatos sem muito interesse ou emoção. Pilar vinha de um país onde os homens tinham o hábito de olhar para as mulheres e não faziam questão de esconder isso. Ela se perguntou se ele era inglês e se convenceu de que não era.

“Ele é vivo demais, real demais para ser inglês”, concluiu Pilar. “E, no entanto, ele é louro. Talvez seja americano.” Ele era, ela pensou, parecido com os atores que vira nos filmes do velho Oeste.

Um funcionário abriu caminho pelo corredor.

– Almoço, por favor. Almoço! Ocupem seus lugares para o almoço.

Os sete ocupantes do compartimento de Pilar tinham bilhetes para o almoço. Levantaram-se todos ao mesmo tempo, e o compartimento tornou-se subitamente deserto e tranquilo.

Pilar fechou depressa a janela, que havia sido aberta alguns centímetros na parte de cima por uma senhora de cabelos grisalhos e aparência de brigona que ocupava um lugar no canto oposto. Então ela se recostou confortavelmente no assento e espiou pela janela os subúrbios da região norte de Londres. Pilar não se voltou ao ouvir o ruído da porta deslizando. Era o homem do corredor, e Pilar sabia, é claro, que ele entrara no compartimento para falar com ela.

Ela continuou a olhar pela janela, pensativa.

Stephen Farr disse:

– Você não gostaria que eu abrisse a janela?

Pilar respondeu de maneira recatada.

– Pelo contrário. Eu a fechei agora mesmo.

Ela falava um inglês perfeito, mas com um ligeiro sotaque.

Durante a pausa que se seguiu, Stephen pensou:

“Uma voz deliciosa, ensolarada... Quente como uma noite de verão...”

Pilar pensou:

“Gosto da voz dele. É forte e potente. Ele é atraente... sim, ele é atraente.”

Stephen disse:

– O trem está muito cheio.

– Ah, sim, é verdade. Suponho que as pessoas fujam de Londres por que lá é muito escuro.

Pilar não fora criada para acreditar que era crime falar com homens estranhos em trens. Ela podia tomar conta de si mesma como qualquer garota, mas não tinha tabus rígidos.

Se Stephen tivesse sido educado na Inglaterra, poderia ter se sentido pouco à vontade ao iniciar uma conversa com uma jovem. Mas Stephen era uma alma amigável, que achava muito natural falar com quem ele tivesse vontade.

Ele sorriu sem qualquer embaraço e disse:

- Londres é um lugar terrível, não é?
- Ah, sim. Não gosto nem um pouco da cidade.
- Nem eu.

Pilar disse:

- Você não é inglês, é?
- Sou britânico, mas da África do Sul.
- Ah, compreendo, é por isso.
- Você chegou há pouco do exterior?

Pilar assentiu.

- Vim da Espanha.

Stephen estava interessado.

- Da Espanha, é mesmo? Você é espanhola, então?
- Sou meio espanhola. Minha mãe era inglesa. É por isso que falo inglês tão bem.
- E essa história de guerra? – perguntou Stephen.
- É muito ruim, sim, muito triste. Houve muitos estragos, é verdade.
- De que lado você está?

A opinião política de Pilar parecia um tanto vaga. Ela explicou que, no vilarejo de onde vinha, ninguém prestara muita atenção na guerra.

– Veja bem, ela não estava próxima de nós. O prefeito, é claro, é um funcionário do governo, e por isso o apoia, e o padre apoia o general Franco, mas a maioria das pessoas está ocupada com as videiras e a terra e não tem tempo para entrar nessas questões.

- Mas não ocorreu nenhuma batalha na sua região?

Pilar disse que não.

– Mas depois – ela explicou –, eu percorri todo o país de carro, e havia muita destruição. Vi uma bomba cair e explodir um carro, e outra destruiu uma casa. Foi emocionante!

Stephen Farr deu um sorriso um pouco torto.

- E essa foi a impressão que você teve?
- Foi uma incomodação também – explicou Pilar. – Porque eu queria seguir em frente, mas o motorista do meu carro foi morto.

Stephen perguntou enquanto a observava:

- Isso não a perturbou?

Os grandes olhos negros de Pilar arregalaram-se:

– Todos vamos morrer! Não é? Se vier ligeiro do céu, de uma hora para outra, bum, é o mesmo que morrer de qualquer outra maneira. Vive-se por algum tempo, sim, e depois se morre. É o que acontece neste mundo.

Stephen Farr riu.

– Não creio que você seja uma pacifista.
– Você não crê que eu seja o quê? – Pilar parecia perplexa com uma palavra que ainda não havia entrado em seu vocabulário.

– Você perdoa seus inimigos, *senõrita*?

Pilar balançou a cabeça.

– Não tenho inimigos. Mas se tivesse...

– Bem?

Ele a estava observando, fascinado mais uma vez pela boca doce e cruel curvada para cima.

Pilar disse seriamente:

– Se eu tivesse um inimigo, se uma pessoa me odiasse e eu a odiasse, então eu cortaria a garganta dela *assim*...

Ela fez um gesto inconfundível.

E foi tão rápido e grosseiro que Stephen Farr ficou pasmo por um momento. Ele disse:

– Você é uma jovem sanguinária!

Pilar perguntou, impassível:

– O que você faria com seu inimigo?

Ele começou a falar, mas parou e a encarou, e riu alto.

– Boa pergunta... – disse ele. – Boa pergunta!

Pilar disse de maneira reprovadora:

– Mas com certeza você sabe.

Stephen parou de rir, respirou fundo e disse em voz baixa:

– Sim, eu sei...

Então, com uma rápida mudança de modos, ele perguntou:

– O que a fez vir à Inglaterra?

Pilar respondeu com certa reserva.

– Vou ficar com parentes, meus parentes ingleses.

– Compreendo.

Ele se recostou no assento, estudando-a, imaginando como seriam esses parentes ingleses de quem ela falava, imaginando o que pensariam dessa espanhola desconhecida... Tentava imaginá-la em meio a uma sisuda família inglesa na época de Natal.

Pilar perguntou:

– É bonita a África do Sul, não é?

Ele começou a contar sobre a África do Sul. Pilar escutava com a atenção satisfeita de uma criança ouvindo uma história. Ele gostou das perguntas dela, ingênuas, porém astutas, e se divertiu inventando um conto de fadas exagerado.

O retorno dos verdadeiros ocupantes do compartimento colocou fim nessa diversão. Stephen se levantou, sorriu olhando-a nos olhos e tomou o caminho de volta para o corredor.

Enquanto Stephen esperava por um instante no vão da porta para que uma

senhora idosa entrasse, seus olhos caíram sobre a etiqueta da obviamente estrangeira maleta de palha de Pilar. Ele leu o nome com interesse: *Srta. Pilar Estravados*. Mas, quando viu o endereço, seus olhos se arregalaram de incredulidade e de outro sentimento: *Mansão Gorston, Longdale, Addelsfield*.

Voltou-se um pouco, encarando a garota com uma nova expressão: perplexa, ofendida, desconfiada... Stephen saiu para o corredor e ficou ali fumando um cigarro e franzindo o cenho...

III

Na grande sala de estar azul e dourada da mansão Gorston, Alfred Lee e Lydia, sua esposa, discutiam seus planos para o Natal. Alfred era um homem de meia-idade e forte, com um rosto afável e suaves olhos castanho-claros. Sua voz era baixa e precisa, com uma dicção bastante clara. Sua cabeça era afundada nos ombros, e ele dava uma curiosa impressão de letargia. Lydia, sua esposa, era uma mulher ágil e esguia como um galgo. Ela era magra ao extremo, mas todos os seus movimentos demonstravam uma elegância veloz e sobressaltada.

Não havia beleza em seu rosto descuidado e esquelético, mas ele tinha distinção. Sua voz era encantadora.

Alfred disse:

– Meu pai insiste! Não há nada a ser feito.

Lydia controlou um súbito movimento de impaciência. Ela disse:

– Você tem sempre de ceder a ele?

– Ele é muito velho, querida...

– Ah, eu sei... eu sei!

– Ele espera que as coisas sejam feitas à maneira dele.

Lydia disse secamente:

– É natural, já que sempre foram feitas assim! Mas cedo ou tarde, Alfred, você terá de se impor.

– O que você quer dizer com isso, Lydia?

Ele a encarou, incomodado e sobressaltado de modo tão evidente que, por um momento, ela mordeu o lábio e pareceu em dúvida sobre continuar o que dizia.

Alfred Lee repetiu:

– O que você quer dizer com isso, Lydia?

Ela meneou seus ombros magros e graciosos e disse, tentando escolher as palavras com cuidado:

– Seu pai é... tende a ser... tirânico...

– Ele está velho.

– E ficará mais velho. E, em consequência disso, mais tirânico. Onde isso vai terminar? Ele já dita nossas vidas completamente. Não podemos fazer um plano que seja nosso! Se o fazemos, sempre há o risco de contrariá-lo.

Alfred disse:

- Papai espera vir em primeiro lugar. Lembre-se de que ele é muito bom para nós.
- Ah! Bom para nós.
- *Muito* bom para nós. – Alfred falou, um tanto carrancudo.

Lydia disse com calma:

- Você quer dizer em termos financeiros?
- Sim. As necessidades dele são muito simples. Mas ele não é mesquinho com dinheiro. Você pode gastar o que quiser com roupas e com esta casa, e as contas são pagas sem um pio. Somente na semana passada, ganhamos dele um carro novo.

– Em relação a dinheiro, admito que seu pai seja muito generoso – disse Lydia. – Mas em troca ele espera que nos comportemos como escravos.

– Escravos?

– Foi isso mesmo que eu disse. Você é escravo dele, Alfred. Se planejamos uma viagem e seu pai de repente não quer que a façamos, você cancela os preparativos e fica sem dizer nada! Se, por capricho, ele decide nos mandar para longe, nós vamos... Não temos vida própria, não temos independência.

O marido disse angustiado:

– Eu gostaria que você não falasse assim, Lydia. É muito ingrato. Meu pai faz tudo por nós...

Ela mordeu os lábios para conter uma resposta. Lydia meneou os ombros magros e graciosos mais uma vez.

Alfred disse:

– Sabe, Lydia, o velho gosta muito de você...

Sua esposa disse clara e distintamente:

- Eu não gosto nem um pouco dele.
- Lydia, me incomoda ouvi-la dizer essas coisas. É tão rude...
- Talvez. Mas, às vezes, nos sentimos compelidos a dizer a verdade.
- Se papai soubesse...
- Seu pai sabe muito bem que não gosto dele! Acho que isso o diverte.
- Ora, Lydia, tenho certeza de que você está errada nisso. Ele já me falou muitas vezes de como você é encantadora com ele.
- É claro que sempre fui educada. E sempre serei. Só quero que você saiba quais são meus verdadeiros sentimentos. Não gosto do seu pai, Alfred. Acho que ele é um velho tirânico e maldoso. Ele oprime você e se aproveita de seu afeto por ele. Você deveria tê-lo enfrentado anos atrás.

Alfred disse bruscamente:

– Chega, Lydia. Por favor, não diga mais nada.

Ela suspirou.

– Desculpe-me. Talvez eu esteja errada... Vamos falar dos nossos planos para o Natal. Você acha que seu irmão David virá mesmo?

– Por que não?

Ela balançou a cabeça, em dúvida.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

